

UM DOS MAIS TRADUZIDOS: GIOVANNI PAPINI

UM ESCRITOR POLÊMICO

Um dos autores italianos de maior repercussão no Brasil na primeira metade do século XX foi **Giovanni Papini** (1881-1956). Chama a atenção o grande número de traduções brasileiras do autor identificadas nessa pesquisa.

Talvez seja possível atribuir a grande circulação da obra de Papini não apenas às suas virtudes de escritor, mas também ao seu espírito crítico e polêmico. Um bom exemplo disso é o manifesto *Chiudiamo le scuole* (*Fechemos as escolas*), publicado em 1914, na revista futurista *Lacerba*. Nele, Papini ataca a cultura escolar rígida, esquemática, repetitiva e distante da realidade.



Giovanni Papini



Papini visto da LEO LONGANESI nel 1926

A CONVERSÃO

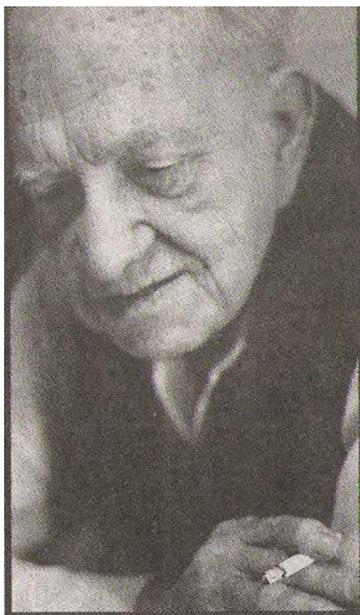
A verve polêmica de Papini, evidenciada em livros que abordam questões filosóficas e teológicas como, por exemplo, a presença de Satã no imaginário cristão, levou à inclusão de alguns de seus livros no *Index librorum prohibitorum*, lista oficial dos livros proscritos pela Igreja Católica entre 1559 e 1966. É interessante observar, contudo, que Papini, extremista e anticristão, converteu-se ao catolicismo.

Todas essas fases deixaram marcas em suas obras e em seu estilo, que oscila entre a fantasia e a realidade: se em *Un uomo finito* (*Um homem acabado*, 1945) prevalecem o caráter descritivo da realidade e o tom melancólico, em *Gog* (traduzido em 1932 e 1943), constata-se uma escrita introspectiva, ligada a questionamentos filosóficos, e, portanto, mais subjetiva.

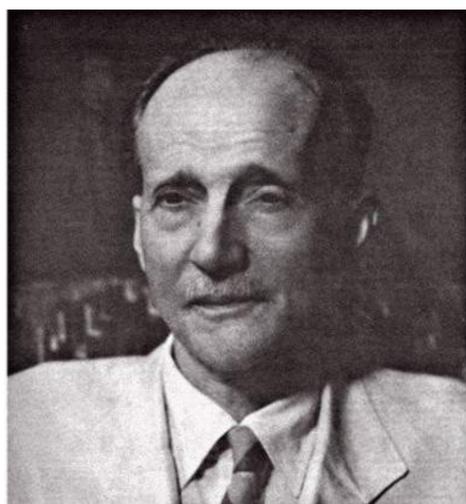
OS TRADUTORES BRASILEIROS

Alguns dos livros de Papini foram traduzidos por escritores e poetas de renome, como Mario Quintana e Godofredo Rangel. Quintana, tradutor de Proust e Virginia Woolf para a Livraria do Globo de Porto Alegre, assinou, também para essa editora, a tradução de *Parole e sangue* (*Palavras e sangue*, 1934). Já

Rangel, tradutor das biografias de Victor Hugo e Oscar Wilde para a Companhia Editora Nacional, verteu para o português *Sant'Agostino* (*A vida de Santo Agostinho*), de Papini (Civilização Brasileira, 1937 e Companhia Editora Nacional, 1946). Por sua vez, *Un uomo finito* (*Um homem acabado*), traduzido por Carlos de Aragão e prefaciado pelo modernista Cândido Mota Filho para a Casa Editora Antonio Tisi de São Paulo, foi reeditado em 1945 pelo Clube do Livro.



Mario Quintana

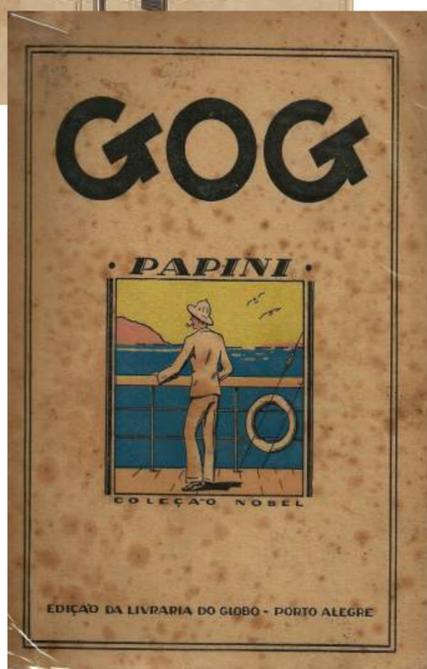
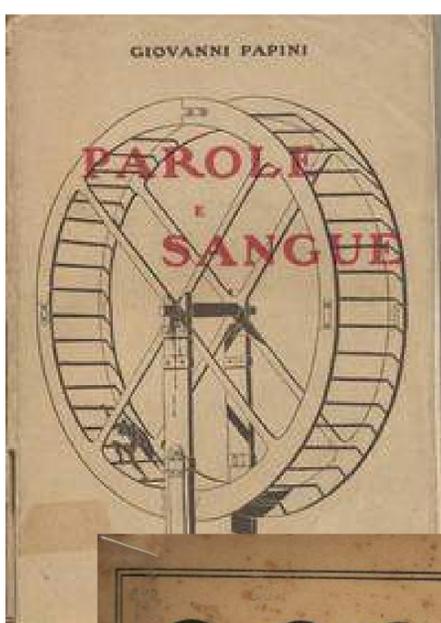


Godofredo Rangel

FORTUNA NO BRASIL

No ensaio introdutório, datado de 1923, Mota Filho enfatiza que o escritor italiano é célebre, pois os jornais e revistas do período não se cansavam de louvar com entusiasmo as obras daquele que era visto como um dos mais ardorosos guerrilheiros do espírito novo que dominava a Itália. Por outro lado, lamenta que no Brasil Papini fosse quase um desconhecido, pois aqueles que o conheciam tomaram contato com sua obra a partir de revistas e livros franceses. Se em 1923 Papini é quase um desconhecido no Brasil, quando da reedição de 1945, a situação será muito diferente, já que nesse momento há cerca de 15 livros traduzidos no Brasil.

Atualmente, o cenário é semelhante ao descrito por Mota Filho em 1923, pois Papini não é mais um escritor tão conhecido.



AS EDITORAS MAIS “ITALIANAS”

A partir da primeira metade do século XX, o Brasil se abre para a modernização e sofre transformações em todos os campos. O mercado editorial conhece um grande desenvolvimento durante a era Vargas e, com a crise das importações durante a Segunda Guerra Mundial, o número de obras traduzidas e publicadas no Brasil aumenta de forma considerável.

No que diz respeito à tradução de obras de autores italianos, destacam-se três editoras que não existiriam sem a grande presença e riqueza cultural de imigrados do *belpaese*: **Vecchi, A. Tisi & Cia.** e **Instituto Progresso Editorial**.



Largo de São Bento - SP

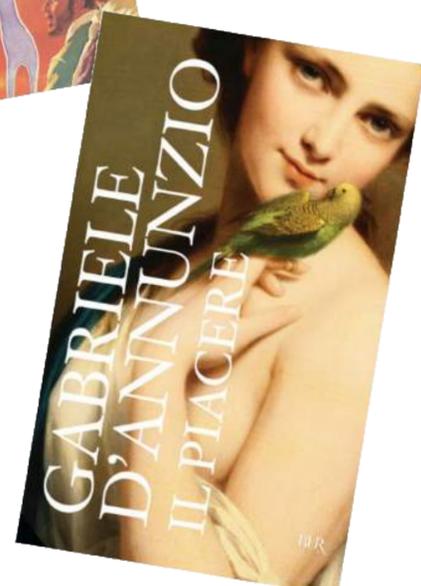
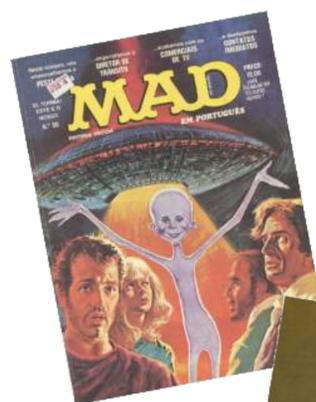
A. TISI & CIA

A Livraria Tisi, que funcionava no largo de São Bento em São Paulo, foi fundada na década de 20 também por um italiano: Antonio Tisi. Ela apresentou aos leitores diversos autores da literatura italiana tais como **Luigi Pirandello** (1867-1936), **Giovanni Papini** (1881-1956), **Filippo Tommaso Marinetti** (1876-1944), **Ardengo Soffici** (1879-1964) e **Aldo Palazzeschi** (1885-1974). A livraria também se tornou referência para encontros modernistas já que publicou autores como Mário de Andrade e Oswald de Andrade.



VECCHI

A mais antiga dessas editoras é a Vecchi, fundada em 1913 pelo italiano Arturo Vecchi, que já trabalhava no ramo editorial em seu país de origem. Essa, porém, ficou mais conhecida pela publicação de livros infantis, especialmente histórias em quadrinhos. Um exemplo é a revista de humor MAD, ainda hoje famosa nos Estados Unidos e no Brasil. Mas a Vecchi não deixou de promover a divulgação de obras italianas, incluindo no seu catálogo importantes escritores: **Giovanni Boccaccio** (1313-1375), **Gabriele D'Annunzio** (1863-1938) e **Pitigrilli** (1893-1975).



INSTITUTO PROGRESSO EDITORIAL

Já a terceira editora “italiana” começou as atividades depois da Segunda Guerra Mundial, em 1947, e teve vida breve. Trata-se da Editora Instituto Progresso Editorial (IPE), fundada pelo empresário **Francisco Antônio Matarazzo Sobrinho**. A IPE foi uma das maiores editoras ativas em um momento em que o Brasil passava por uma fase democrática, após os anos de ditadura do governo de Getúlio Vargas. Ela contava com alguns associados de renome, como Rodolfo Crespi (proprietário da maior indústria têxtil de São Paulo), Sérgio Buarque de Holanda, Francesco Malgeri. Este último, em 1932, fora diretor de *Il Messaggero*, um importante jornal romano. Além deles, havia Giannino Carta, diretor artístico da IPE, e Luigi Federzoni, que colaborou tanto na editora quanto no jornal *O Estado de São Paulo* com nome falso, pois, condenado à prisão perpétua pela militância fascista, era procurado pelo Tribunal Internacional.



CURIOSIDADES

O fascismo e a guerra motivam outras escolhas editoriais da IPE, como *Eu fui chefe da polícia de Mussolini* de **Carminé Senise** (1883-1958), *Minha vida com Benito* de **Raquel Mussolini** (1890-1979) e *Hitler e Mussolini frente a frente* de **Dino Alfieri** (1886-1966).



Francisco Antônio Matarazzo Sobrinho

A IPE inseriu em seu catálogo um considerável número de autores italianos: alguns já consagrados no panorama internacional, como **Luigi Pirandello** (1867-1936) e outros inéditos no Brasil, como **Alba de Céspedes** (1911-1997), **Indro Montanelli** (1909-2001) e **Alberto Moravia** (1907-1990).

Apesar de ter encerrado sua atividade já em 1949, o trabalho de divulgação da editora foi de suma importância para a difusão da cultura e literatura italiana.

Alguns de seus autores se tornariam de fato muito conhecidos a partir da segunda metade do século XX.



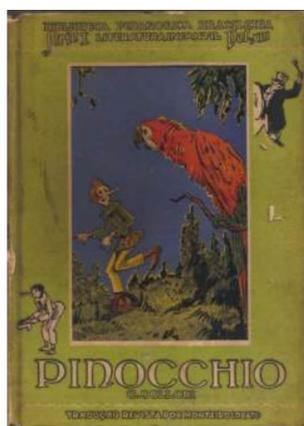
HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS E ADULTOS

Até meados do século XVIII, a maior parte das obras infantis e didáticas que circulavam no Brasil provinha de países europeus. As crianças nas escolas tinham que aprender o próprio idioma por meio de livros didáticos escritos em português de Portugal ou traduzidos de outras línguas. No que concerne à relação Brasil-Itália, o fenômeno da imigração sem dúvida intensificou os laços entre os dois países. Nesse contexto, surgem no Brasil nomes como **Carlo Collodi, Emilio Salgari, Edmondo De Amicis**: autores de obras infanto-juvenis que não tardaram a ter grande sucesso também entre os adultos!



O FENÔMENO PINÓQUIO

Le avventure di Pinocchio, de **Carlo Collodi** (pseudônimo de Carlo Lorenzini, 1826-1890), publicado em folhetim a partir de 1881, teve um grande sucesso entre seus leitores italianos. Ao escrever *Pinóquio*, Collodi inovou fugindo dos padrões pedagógicos da literatura infantil. A história do célebre boneco/criança travesso, que erra e que também aprende com seus erros, é ao mesmo tempo rica de materialidade e cheia de fantasia. Essa obra é um marco importante de renovação: a literatura como fonte de educação sem abrir mão da emoção. *Pinóquio* continua transportando ainda hoje seus leitores para um mundo de sonhos.



Por mais que no Brasil a obra de Collodi tenha aparecido em 1929, traduzida por Mary Baxter Lee, pela Livraria Liberdade (SP), costuma-se atribuir a Monteiro Lobato o crédito pela primeira tradução brasileira, no ano de 1933, pela Companhia Editora Nacional (SP). A partir de então, muitas outras traduções foram e continuam sendo editadas.



SALGARI, A AVENTURA

Por volta de 1930, com o advento do rádio e do cinema, a procura pela literatura de consumo diminuiu. Diante desse contexto, o mercado editorial vê-se obrigado a mudar de estratégia, dando preferência a edições mais cativantes, em volume único e com capas ilustradas. Dessa forma, as histórias de aventura, de viagens e de conquistas começam a ganhar espaço e a atrair o público.

Emerge assim a figura de **Emilio Salgari** (1862-1911), com uma longa série de romances traduzidos também pela Companhia Editora Nacional.

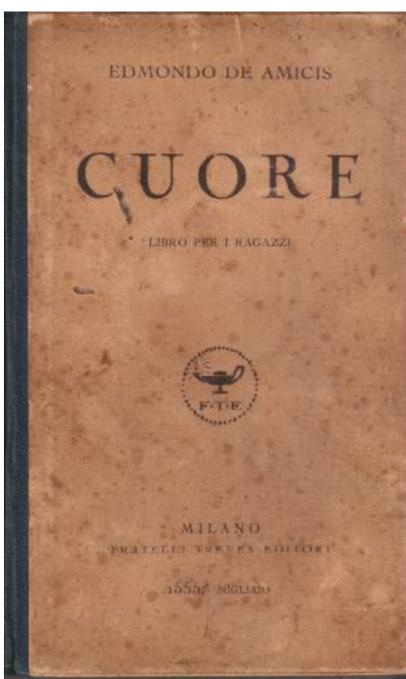


Emilio Salgari

DE AMICIS, O SENTIMENTO

Outro grande fenômeno desse período foi o livro *Cuore* (*Coração*), escrito por **Edmondo de Amicis** (1846- 1908).

Cuore (1886) conquistou rapidamente a atenção não só das crianças (entre 9 e 13 anos de idade) às quais o autor dedica sua história, mas também dos adultos. O livro saiu no período em que a Itália, recém-unificada, precisava formar “novos cidadãos”. Por isso o autor ambientou sua obra em uma escola, pincelando o romance com forte moral patriótica.



Assim como na Itália, no Brasil também havia interesse em formar cidadãos-mirins e, na ausência de um livro nacional adequado a esse propósito, *Cuore* foi adotado até nas escolas. A primeira tradução foi publicada em 1891 pela Livraria e Editores Francisco Alves e depois desta outras edições e traduções foram sucedendo-se, confirmando o grande sucesso junto ao público brasileiro.

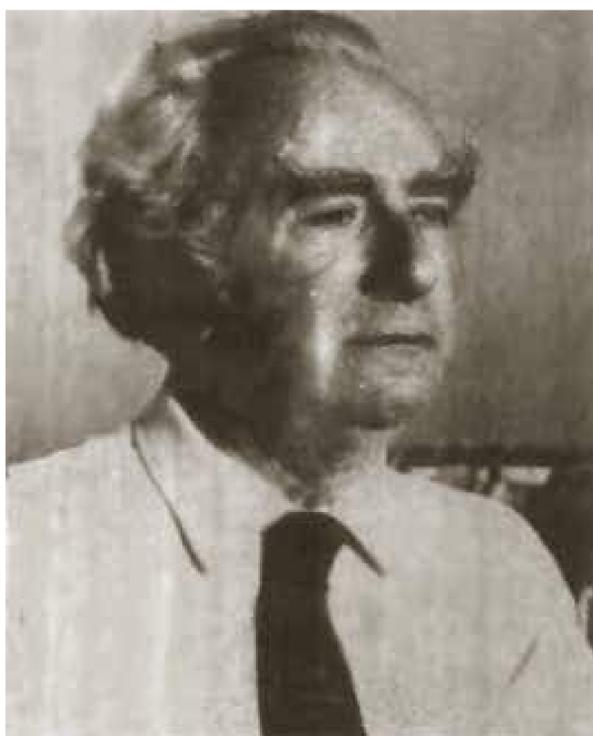


OS BEST-SELLERS

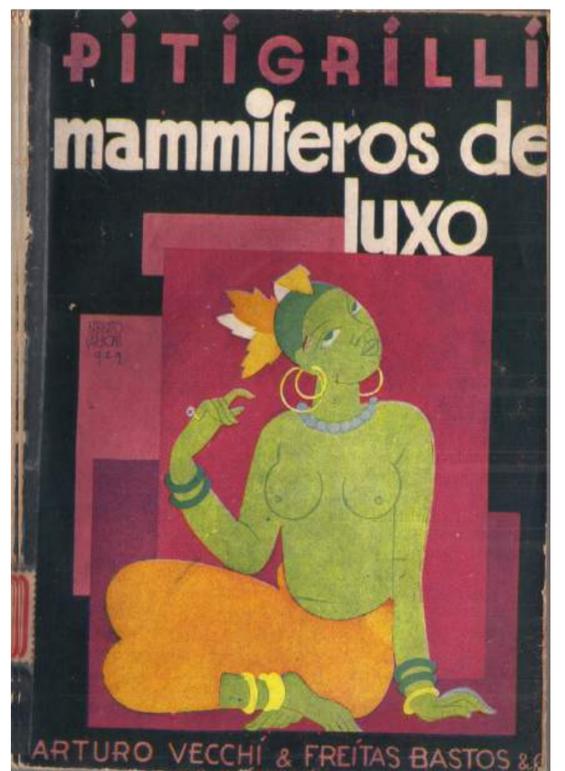
PITIGRILLI, AUTOR “PROIBIDO”

Cada época tem suas obras de grande sucesso, que não necessariamente atendem a critérios que definem uma alta qualidade literária.

Um caso clamoroso na literatura dita de consumo é representado pelo italiano **Pitigrilli**, pseudônimo de Dino Segre (1893-1975). Seus livros tiveram extraordinária repercussão desde a época do fascismo, não deixando de causar escândalo pela ousadia dos temas tratados, como drogas e sexo.



Pitigrilli



Os temas eróticos, beirando o pornográfico, bem como o tom anticonformista dão a Pitigrilli a fama de escritor rebelde, que atenta contra a moral e os bons costumes da época.

Entretanto, apesar dessa rebeldia aos valores burgueses e do uso abusivo de ousados aforismos, seus romances concordam com os valores que aparentam criticar.

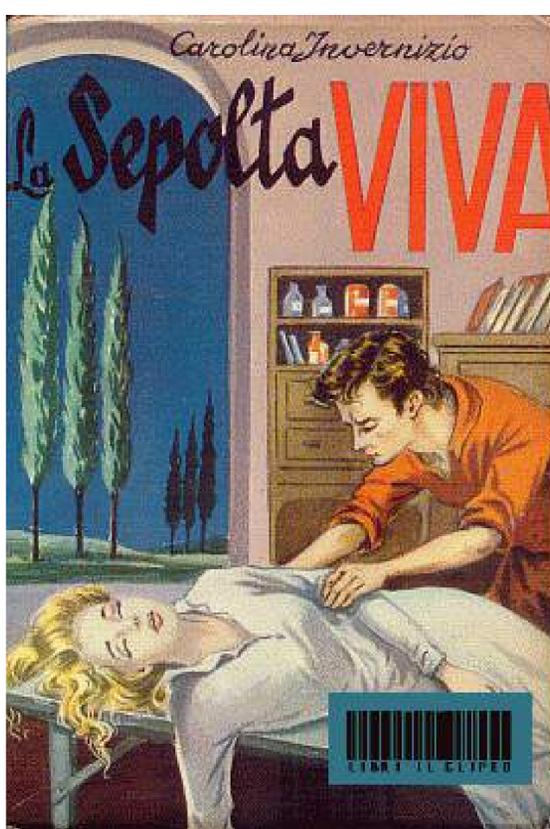
Pitigrilli, no período de 1915 a 1974, publicou na Itália 52 volumes entre coletâneas de contos e romances. Já no Brasil, entre 1930 e 1950, as obras traduzidas foram 17.

O período coincide com o surto editorial acontecido no país a partir do Estado Novo. Esse fenômeno não pode ser dissociado do advento da indústria cultural que começa a promover a mercantilização de bens culturais. Além disso, o sucesso de Pitigrilli pode ser atribuído à sua fama, junto à burguesia da época, de escritor proibido, por causa da “suposta depravação” de suas histórias e personagens. Tal fama despertava a curiosidade dos leitores e, com certeza, foi um dos fatores que mais contribuiu para o seu sucesso junto ao público brasileiro.

CAROLINA INVERNIZIO E O SUCESSO DO FEUILLETON

Dentre os grandes autores da literatura de consumo não faltam as mulheres. E dentre elas, **Carolina Invernizio** (1851-1916), autora de um número impressionante de romances. Publicou, de fato, cerca de 130 obras em forma de folhetim, em jornais como a *Gazzetta di Torino* e *Opinione nazionale*, textos depois reunidos em volume com o título *I romanzi di Carolina Invernizio*.

Seu público leitor era muito grande, formado por mulheres do proletariado e da pequena burguesia. Ignorada pela crítica, justamente por seu componente “popular”, é sem dúvida um fenômeno da escrita da época.



Carolina Invernizio

Desde sua origem, o romance moderno teve uma forte adesão do público feminino e se caracterizou também pela sua atenção aos personagens femininos.

Nessa perspectiva, Invernizio pode ser vista como uma mulher que escreve sobre mulheres para um público de mulheres, caracterizando, assim, uma literatura popular feminina.

As heroínas de Invernizio são constantemente vítimas, sofrem os problemas de uma sociedade em que a mulher tem pouco espaço e deve servir ao homem.

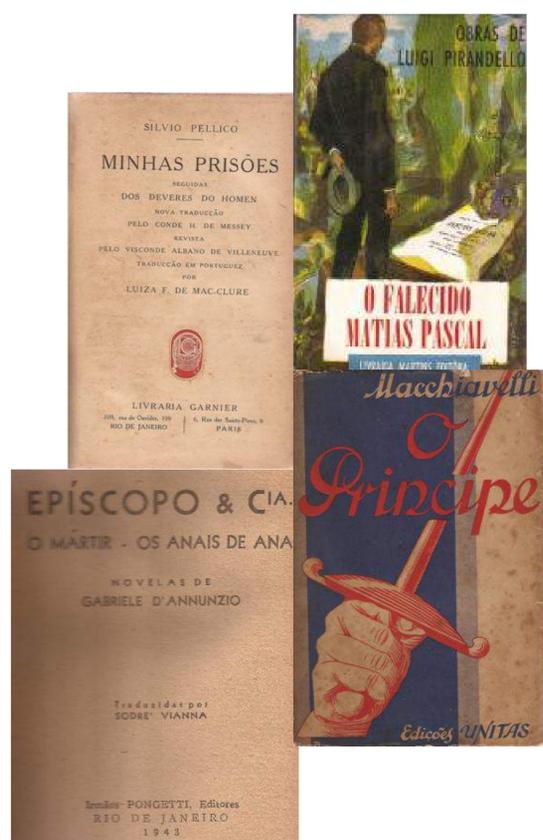
Sua narrativa interpreta, em chave burguesa, o mito romântico de amor e morte, com a defesa dos valores burgueses e o consequente final punitivo para cada transgressão. Carolina Invernizio foi traduzida em várias línguas: ao Brasil chegaram muitas de suas obras, publicadas pela Livraria H. Antunes.



OS LONG-SELLERS

Os long-sellers, os livros mais vendidos ao longo dos séculos, diferenciam-se dos best-sellers, que têm sucesso comercial imediato, mas logo tendem a cair no esquecimento.

Obras de autores como **Niccolò Machiavelli** (1469-1527), **Silvio Pellico** (1789-1854), **Gabriele D'Annunzio** (1863-1938), **Luigi Pirandello** (1867-1936) e **Ignazio Silone** (1900-1978), apesar do passar dos anos, permanecem e resistem ao tempo.



Edição da Cultura Política - 1935

O primeiro romance de Silone, *Fontamara* (1933), pode ser considerado um long-seller. A obra retrata a vida dos *cafoni*, expressão usada no livro para indicar os camponeses.

De Silone também foram traduzidos: *A escola dos ditadores* em 1942/43; *Pão e vinho* em 1943 e *A semente sob a neve* em 1947.

No Brasil, o nome de Silone é ainda lembrado em revistas e periódicos.

Uma curiosidade: *Fontamara* foi indicado como 56º romance (entre os 100 mais votados) numa pesquisa da *Folha de São Paulo*, em 1999.

A primeira tradução da *Fontamara* é de 1935, pela editora Cultura Política; em 1942 é reeditada pela editora Athena.

De Silvio Pellico, também autor de long-sellers, foram traduzidos: *Minhas prisões* (s/d e 1917), *Dos deveres do homem* (s/d e 1919) e *Suspiro* (1950).

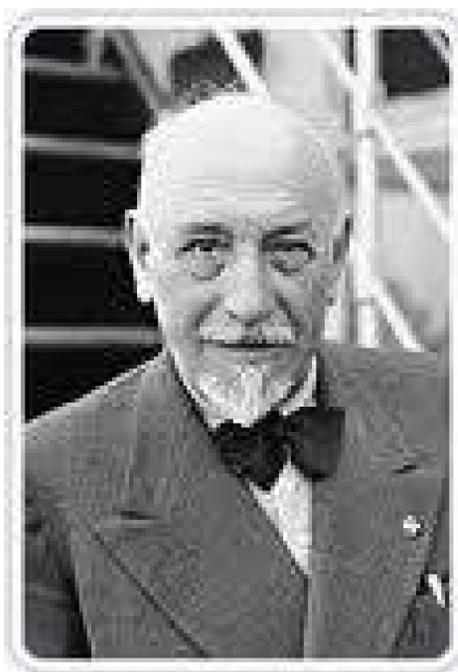
O livro *Minhas prisões* foi referência para Graciliano Ramos em *Memórias do cárcere* (1953).



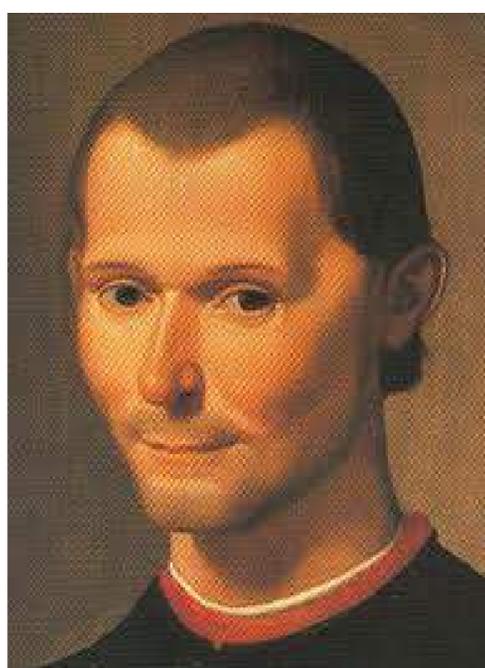
Silvio Pellico

O Nobel de Literatura em 1934, Luigi Pirandello, também faz parte dos autores long-sellers. Entre sua vasta produção, foram traduzidos: *Novellas escolhidas* (1925), *A luz da outra casa*. *Novellas escolhidas* (1932), *O falecido Matias Pascal* (1933 e 1949), *Os velhos e os moços* (1947) e *A excluída* (1949). A obra mais traduzida é *O falecido Matias Pascal*, publicada, em 1933, pela editora Livraria do Globo, com tradução de De Souza Junior, e em 1949, pela Livraria Martins Editora, com tradução de Raul de Polillo (Polilo).

Numa viagem ao Rio de Janeiro, em 1927, em turnê com a Compagnia del Teatro d'Arte di Roma, Pirandello foi homenageado pela Academia Brasileira de Letras.



Luigi Pirandello



Niccolò Machiavelli



Gabriele D'Annunzio

Outro escritor long-seller é Niccolò Machiavelli. No Brasil foram traduzidas as obras: *O príncipe* (1923), *Escritos políticos* (1940) e *Discurso sobre a primeira década de Tito Lívio* (1950). O maior destaque é dado a *O príncipe*, cuja tradução feita por Lívio Xavier foi reeditada inúmeras vezes.

Gabriele D'Annunzio também teve muito sucesso no Brasil, com várias obras traduzidas: *O fogo*, *Gioconda*, *Episcopo & Cia - O mártir - Os anais de Ana e Voluptuosidade*. Esta última é um caso particular, pois é a tradução parcial do capítulo IV do romance *Il piacere*, que integra a coletânea *Os mais belos contos de amor dos mais famosos autores*. Era de se esperar que D'Annunzio ficasse conhecido no Brasil pela tradução de seus romances mais famosos, mas só ganhou destaque a tragédia *Gioconda*, escrita em 1899 e traduzida em 1907 por Osório Duque-Estrada.